

“MADRID, PARIS, BERLIM, SÃO PETERSBURGO, O MUNDO”

Maria Consuelo Cunha Campos
UERJ — USU — Letras

DOURADO, Autran. *Violetas e caracóis*.
Rio de Janeiro, Guanabara, 1987.

Violetas e caracóis, 21º livro de Autran Dourado, compõe-se de nove narrativas que tanto podem ser lidas individualmente quanto como um todo não só mutuamente interdependente mas também do conjunto de obra do autor. Na quase totalidade de seus livros, Autran vem construindo o ciclo da imaginária cidade mineira de Duas Pontes, através da recorrência de locais, personagens, temas e narrativas. Este projeto ficcional repousa sua singularidade — pelo menos em termos de ficção brasileira — num conjunto de características que enunciaremos a seguir.

A diferença dos nossos ciclos regionalistas não se constitui cronologicamente, mas, ao contrário, é freqüente transgressor da cronologia, ao retomar, por exemplo, nos livros mais recentes, fatos que cronologicamente precederiam narrativas de livros mais antigos. Lembremo-nos, por exemplo, de *Lucas Procópio* em relação à *Ópera dos mortos*, e os fatos envolvendo o personagem-título. Ou do próprio texto “*Violetas e caracóis*”, em relação à “*Noite de cabala e paixão*”, esta última de *Imaginações pecaminosas*, e na qual já se vislumbra o núcleo narrativo do futuro texto.

O modelo de narrativa autraniano seria, de certa forma, aproximável ao romance machadiano. Vejam-se, por exemplo, *Esau e Jacó* e *Memorial de Aires*, onde a cronologia dos fatos narrados, um em relação ao outro livro, não é seguida, configurando um tratamento mais moderno do tempo.

Em Autran se interligam ainda a narrativa e a poética do romance, produzindo não apenas um conjunto de obra ficcional mas também uma significativa reflexão — dentro e à margem do texto — sobre o narrar e sobre a feitura de

seus livros, exemplificada em *Uma poética de romance. Matéria de carpintaria e O meu Mestre imaginário*. O que, não menos, retoma, para desenvolvê-los, os projetos narrativos de Machado e Guimarães Rosa, nossos dois ficcionistas maiores e que também construíram, na obra de ficção, uma poética em prosa.

A leitura do texto autraniano pressupõe, em sua forma ideal, aquilo que o autor metaforicamente denomina “vi-seiras submarinas”: mais de um percurso — e atento — pelo texto, e conhecimento do conjunto da obra.

Da interação destas características resulta uma obra simultaneamente brasileira, mineira e capaz de interessar a “Madri, Paris, Berlim, São Petersburgo, o mundo”, como diz Cesário Verde, n’*O sentimento de um ocidental*. Comprovam-no traduções e edições, prêmios internacionais, inclusão na coleção de obras representativas da literatura universal, da Unesco, e nas obras obrigatórias para exames de agrégation de universidades francesas.

Situado, no projeto autraniano, em prosseguimento ao ciclo de Duas Pontes, *Violetas e caracóis*, ao retomar temas recorrentes neste conjunto de obra, enseja também, ao leitor da ficção brasileira, abordagens intertextuais como a da tematização do erotismo, em especial sob o enfoque do “amor desastrado”, que nos permite paralelizar Autran a, por exemplo, Dalton Trevisan, ele também ficcionista de uma cidade — Curitiba — e seus desacertos eróticos. Se, em *Desastres do amor*, Trevisan, recorrentemente nomeando personagens João e Maria, tematiza, por esta forma de anonimato, a generalização dos desastres amorosos na urbe, Dourado, ao contrário, pela própria nomeação de seus protagonistas e coadjuvantes, quase todos já figurantes em seus livros anteriores e singularizados para o leitor, como que progressivamente os desnuda e nivela, na intimidade mais pungente ao risível. A iniciação infantil do personagem João da Fonseca Nogueira, n’*As imaginações pecaminosas* hollywoodianas, por exemplo, é narrada nas “Rememorações de Hollywood” — título engenhoso no qual se reúne, num substantivo abstrato, o radical inglês de lembrar, bem condizente com a locução “de Hollywood”, ao sufixo português, ainda sugerindo, ambigualmente, o termo *membro*, na dupla acepção — fállica e de integrante de uma confraria. O leitor atento d’*As imaginações pecaminosas* percebe, nessas “rememorações”, a transcrição parcial de “Queridinha da família” e, naquelas, a superposição de João da Fonseca Nogueira a Valdemar Filgueiras, pelo objeto do desejo, a cinematográfica Shirley Temple.

A configuração do desastre amoroso, em Dourado, recorrentemente se liga ao desejo de homens maduros por ninfetas, num contexto fortemente repressor do desejo feminino, como é o machista e patriarcal de Duas Pontes. Em livros anteriores, como a *Opera dos mortos* e *Os sinos da agonia* o ficcionista já articulava períodos históricos de decadência de modelos patriarcais, como os do final do Brasil colônia e o da República Velha, à desrepressão, pelo menos parcial, do desejo feminino e a tragédia. Esta articulação é retomada recorrentemente em *Violetas e caracóis*, nos percursos conjugais e extra, como os de Margarino Vivas e do joalheiro Nitti, por exemplo.

É, todavia, na leitura do discurso médico, a propósito de um diagnóstico de histeria, no texto-título deste último livro de Autran Dourado, que se centrará a abordagem do tema do erotismo. Enquanto um dos favoritos do Naturalismo, o tema do histerismo e seus sintomas constitui como que uma linguagem, a ser descodificada pelo saber médico, num processo de patologização da sexualidade feminina alimentado pelos estudos comportamentais do fim do século passado, contrapondo-se, na ótica naturalista, o olhar privilegiado do médico e o universo da paciente, assim como a sanidade à doença. Em Dourado, diferentemente, ocorre a patologização do próprio médico. Ao contrário da ficção naturalista, na qual a doença é cenário para o brilho do médico, no texto autraniano ela enseja o desdobramento da própria patologia do “facultativo”, aproximando-nos aqui da magistral lição machadiana d’*O Alienista*”: a do alienista/alienado e, com ela, a da desconstrução, pelo próprio discurso literário do cientificismo do Naturalismo e sua medicalização da linguagem. À diferença das narrativas naturalistas de caso clínico, a estória da ninfeta mineira Luizinha Porto não reforça o poder de nenhum projeto médico-terapêutico para a sexualidade feminina, estampando, ao contrário, a sua falência. Da mesinha caseira, do “olho clínico” da medicina popular da avó Georgina e seus chás e sucos às prescrições científicas dos drs. Viriato e Alcebiades, da Passiflora da nomenclatura científica ao maracujá do discurso coloquial, da “viola olorata” às violetas, ou dos moluscos gastrópodes pulmonados aos caracóis, tudo falha em debelar a “moléstia” de Luizinha.

A tentativa de curá-la, opondo a prescrição do médico da família, Dr. Alcebiades — tido por bondoso, mas ambíguo, pois que também faunesco, mefistofélico, à do renomado psiquiatra com incursões pela psicanálise Dr. Viriato de Abreu, antes revela o desejo interdito de ambos pela

ninfeta histérica do que enseja efetivamente a sua cura. O Dr. Alcebíades, taquicardíaco em função do desejo, passa, pois, a paciente de si próprio, receitando-se o mesmo prescrito à paciente. Tanto ele quanto o Dr. Viriato, entediados nos respectivos casamentos, se revelam tão sexualmente frustrados quanto a sedutora histérica Luizinha. Leitores, em universo infenso à leitura, tanto os médicos quanto a paciente, ao se aproximarem se deslocam relativamente ao ambiente de Duas Pontes. Seres desejan-tes, num contexto fortemente repressor do desejo, sobretudo feminino, médico e paciente terminam por trocar, não menos ineficazmente, papéis: acolhida a confissão de fracasso e frustração masculina do Dr. Viriato, Luizinha propõe inutilmente provar-lhe não ser ele e sim a esposa sexualmente incompetente. Num contexto repressor do desejo, a contrapartida da histérica paciente Luizinha é o duplamente incompetente, seja com a santíssima esposa, seja com as raparigas da casa da Ponte, seja sob o aspecto sexual, seja sob o médico Dr. Viriato.